

DISSERTAÇÕES E TESES

COSTA, Alexandre da. **Fundamentos da bioética**: estudo sobre o pensamento de Hugo Tristram Engelhardt Jr. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUC-Campinas, 2003. 133p.

RESUMO: Hugo Tristram Engelhardt, bioeticista estadunidense, tem como ponto de partida de sua reflexão o fracasso do projeto ilustrado em conceber uma moral universal, baseada somente na razão. Para ele, tal projeto seria o triunfo da racionalidade sobre as bases metafísicas e religiosas que sustentaram toda a filosofia antiga e medieval. No entanto, o que se viu foi o surgimento de muitas moralidades defensáveis, mas muitas vezes incompatíveis entre si. Para Engelhardt, a bioética surge nesse contexto de pluralismo ético. Ela não pode ser dotada de conteúdo universal, canônico e ser imposta para todos os segmentos da sociedade, pois nesta convivem o que ele chama de “estranhos morais”. Surge, então, a dificuldade de criar um discurso bioético que seja capaz de ter autoridade numa sociedade secular pluralista. Engelhardt, na tentativa de dar uma resposta, cria o que ele chama de uma “ética de procedimentos mínimos” para a sociedade secular. O princípio norteador de seus **Fundamentos da bioética** é o princípio de permissão ou consentimento. Através desse princípio de permissão, as decisões individuais podem ser julgadas como aceitáveis ou não. Ele seria a gramática mínima do discurso moral secular. Para Engelhardt não existe um “bem” ou “mal” definido fora de um contexto moral particular em que coexistem “os amigos morais”. Todos os princípios tais como: o da Beneficência, o da Propriedade Privada, o da Autoridade Política e o da Alocação de recursos à saúde giram em torno da permissão. Acredita-se, porém, que o Princípio de permissão deva estar acompanhado de algum princípio de “beneficência solidária”, pois, sozinho, o princípio da permissão não seria suficiente para enfrentar interesses pessoais não universalizáveis. Sucintamente apresenta-se o pensamento de Peter Singer como uma base para uma moralidade beneficente secular.

Palavras-chave: Bioética; Ética; Bioengenharia; Consentimento; Beneficência; Pluralismo; Pós-Modernidade.

* Professor de Cultura Religiosa PUC Poços de Caldas. Dissertação, Mestrado PUC Campinas, 2003.

FERREIRA, Amauri Carlos. **O imaginário religioso e modos de vida urbana**: experiência e memória da Juventude Católica em Belo Horizonte – MG, anos 80. Tese de Doutorado. Curso: Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo – SP, Universidade Metodista de São Paulo, 2002. Tese defendida em 28/2/2002.

RESUMO: A presente tese de doutorado busca compreender a formação do imaginário católico, a partir dos modos de vida de sujeitos coletivos no mundo urbano. O contexto religioso em que a tese se desenvolve é o católico, composto por duas vertentes teológicas – “conservadora” e “progressista” – que se encontram em situação de tensão nos anos 80. Os sujeitos investigados são a juventude católica, organizada em grupos de jovens e na Pastoral de Juventude (PJ), num lugar definido, Belo Horizonte – Minas Gerais. Essa investigação partiu da seguinte hipótese: os pilares discursivos que configuram a dimensão imaginária construída pela Pastoral da Juventude da cidade de Belo Horizonte, ao incorporar princípios da Teologia da Libertação, que estabelecem um ideário modulador de mudanças na concepção de ser Igreja, geram atitudes e ações que fomentam áreas de conflito com a hierarquia eclesial. Também essa nova forma de ser Igreja não consegue responder às demandas religiosas de sujeitos expostos aos modos de vida urbana; todavia, abrem possibilidades para se compreender a formação de imaginários católicos a partir da experiência narrada. Para tentar comprovar essa hipótese, o trabalho utiliza o referencial teórico sobre imaginário e modos de vida, trilhando um caminho de investigação de fontes orais e escritas, tentando compreender a construção de um ideário modulador com base em materialidades que se configuraram na experiência da juventude católica nesses anos. As categorias analíticas do mito, do rito e da utopia seriam os pilares para compreender e interpretar a formação de imaginários epocais expressos em lugares e tempos da memória.

* Dr. em Ciências da Religião. Professor de Filosofia da PUC Minas.

GONÇALVES, Davidson Sepini. **O Panóptico de Jeremy Bentham:** por uma leitura utilitarista. PUCCamp. Prof. Orientador: Dr. Luis Alberto Peluso. Data: 18/12/2003.

RESUMO: A presente dissertação pretende mostrar a existência de coerência entre a ética utilitarista e o projeto *Panóptico*, obra de Jeremy Bentham – filósofo utilitarista inglês do século XVIII – que descreve os princípios a serem obedecidos na construção do espaço físico e na organização das formas de relação entre os envolvidos, quando é preciso controlar o comportamento das pessoas e mantê-las sob contínua inspeção. Partindo-se de uma visão geral do utilitarismo através dos escritos de Bentham e analisando a crítica de Michel Foucault, em sua obra **Vigiar e punir**, tenta-se demonstrar que o entendimento do *Panóptico* só é possível a partir de sua associação com a teoria utilitarista, o que não é o caso da análise de Michel Foucault. Por não utilizar o referencial utilitarista em sua análise, ele atribui ao *Panóptico* características que parecem ir além da proposta de Bentham, minuciosamente elaborada para resolver problemas considerados graves em sua época. Trata-se de uma tentativa de atribuir ao *Panóptico* o *status* de uma obra utilitarista, fruto do trabalho de um pensador comprometido com os problemas sociais de seu tempo. O utilitarismo clássico ocupou-se de questões éticas como a pobreza, o sofrimento e a justiça, posicionando-se em favor da eliminação da pobreza e da diminuição do sofrimento humano, através da criação de mecanismos que têm como pressuposto a justiça social. Nesse contexto, surge o *Panóptico*, com o objetivo de colocar em prática os princípios derivados do princípio de utilidade. Este trabalho pretende mostrar que, ao considerar o *Panóptico* simplesmente como um mecanismo de exercício de poder baseado na vigilância e na coerção, Foucault não só atribui ao *Panóptico* características distintas das consideradas pelo seu autor, como contribui para o entendimento fragmentado da ética utilitarista e da pessoa de Bentham. Trata-se, portanto, de aproximar o *Panóptico* da ética utilitarista e do próprio Bentham, visando a uma melhor compreensão dos elementos que os cercam.

* Professor de Ciência Religiosa da PUC Poços de Caldas. Dissertação de Mestrado na PUC Campinas, dezembro de 2003..

GÓIS, Aurino José. Parque Municipal de Belo Horizonte: público, apropriações e significados.

RESUMO: O Parque Municipal de Belo Horizonte foi o primeiro espaço público da cidade, inaugurado três meses antes da fundação da nova capital do Estado de Minas Gerais, em 26 de setembro de 1897. O local em que ele se encontra, no antigo Arraial (Curral Del Rei), era uma chácara _ Chácara do Sapo, que serviu de moradia para o engenheiro chefe encarregado da construção da nova cidade, o engenheiro Aarão Reis. Desde a sua inauguração, o Parque tornou-se, nas tardes de final de semana, local de encontro da “melhor sociedade da Capital nascente”, nas palavras de Abílio Barreto. Foi pensado e planejado, em estilo inglês, para ser o maior Parque das Américas, numa área reservada de seiscentos mil metros quadrados, onde era prevista, dentre outras, a construção de um observatório meteorológico, um restaurante, um cassino e um grande lago para passeios em canoa. Não somente foram concretizadas as obras previstas como também a sua área foi gradativamente sendo cedida para outros empreendimentos, de modo que a área atual é de aproximadamente cento e oitenta mil metros quadrados. A área tomada ao Parque compreende, hoje, a área hospitalar da cidade. Apesar da importância histórica desse espaço para a memória da cidade, o Parque Municipal passou por períodos longos de abandono, o que o tornou mal-afamado. Não obstante as últimas reformas a que foi submetido, ainda é visto por uma parcela da população como um local não muito seguro e muito pouco valorizado. No entanto esse é um dos espaços públicos da cidade de maior uso. Segundo informações da Prefeitura, são aproximadamente quinhentas mil pessoas circulando por ele mensalmente. Como explicar esse uso e quem são esses usuários foi o objetivo deste trabalho. A hipótese que orientou a investigação, foi a de que o Parque apresenta um uso intenso não somente determinado por sua localização no centro da cidade e sim pelo significado atribuído a ele por seus usuários. As pessoas usam ou deixam de usar o Parque, porque assim determina a significação que elas lhe atribuem. A pesquisa constatou uma diversidade de usos e de usuários e classificou-os conforme a apropriação que faziam do espaço. Desse modo, classificou os usuários em três categorias: a de usuários casuais, que se

* Dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2003, pelo professor Aurino José Góis do departamento de filosofia e teologia da PUC Minas, no programa de mestrado em sociologia – gestão das cidades, dessa mesma instituição.

apropriam do espaço enquanto útil e propício a uma determinada atividade, sendo eles os transeuntes, os turistas e o público de eventos, dentre outros; a de usuários fixos, que se apropriam desse espaço enquanto local de trabalho, sendo eles os estudantes, os professores e os funcionários do colégio Imaco, e os funcionários da administração do Parque; finalmente, a categoria de usuários efetivos, sendo eles os grupos familiares, os casais de namorados e as pessoas que fazem esporte no Parque, ou seja, pessoas que se apropriam desse espaço enquanto espaço de lazer. Esses últimos foram os usuários objeto desta pesquisa. Essas diferentes apropriações do espaço resultam em diferentes significações de uso ou “espacialidades”, tornando o Parque Municipal um local de uso diversificado. A pesquisa conclui que os usuários efetivos do Parque consideram esse lugar acessível, barato e relativamente seguro. Essas condições, aliadas aos serviços e à estrutura que o Parque oferece, possibilitam às pessoas dele usufruírem para o seu lazer, não obstante o Parque apresentar-se de modo precário, em alguns aspectos, para esses mesmos usuários, como os que dizem respeito à limpeza e à segurança. Finalmente, a pesquisa reveste-se de importância para a elaboração de políticas públicas de preservação desse espaço e de políticas públicas que atendam de modo eficaz as necessidades reais de lazer da população.

FARIA, Paulo Antônio Couto. **Teologia no limiar da filosofia: a modernidade e o encontro fé e razão na obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz.**

RESUMO: À medida que surge um novo no presente da história como instância julgadora do passado, surge uma nova modernidade. É possível identificar, portanto, uma pluralidade de modernidades ao longo da história. A atual foi denominada de modernidade pós-cristã, por definir-se segundo um modelo de razão em relação dialética de ruptura e continuidade com a razão cristã medieval. A transposição para o indivíduo de toda tarefa de significação da realidade impediu o reconhecimento dessa relação, provocando a ruptura decisiva da relação razão e fé, o que é o motivo principal da crise da razão moderna e incide também na crise do cristianismo. O pensamento filosófico de

* Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus. Faculdade de Teologia. Orientador: prof. Dr. João Batista Libânio. Aluno: Paulo Antônio Couto Faria. Data da defesa: 4/3/2004.

Lima Vaz efetiva uma reconciliação entre razão e fé a partir de uma teologia que lhe é implícita e, sobretudo, pelo modelo de razão que propõe na antropologia filosófica. É uma razão que encontra a sua inteligibilidade última nos dados da fé, tendo na Encarnação o seu foco central. Esse evento da fé cristã dá inteligibilidade às categorias da filosofia vaziana, conduzindo-a ao seu limiar, mas não ao seu esgotamento.

Palavras-chaves: Modernidade pós-cristã; Fé; Razão; Subjetividade; Pessoa; Teologia da Encarnação.